

CARTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO PARA PENSAR A URBANIZAÇÃO: ANÁLISE DE TRÊS LOCALIDADES A PARTIR DE MAPAS HISTÓRICOS

Gabriel Lambert Ferri Dias

Ensino Médio
Colégio de Aplicação PIO XII
gabrielferri@gmail.com

Paula Gorenstein Dedecca

Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
Escola de Arquitetura, Artes e Design (EAAD)
paula.dedecca@puc-campinas.edu.br

Resumo: *A partir da análise de mapas históricos de Campinas, a pesquisa analisará o processo de urbanização de três localidades onde hoje se situam intervenções construídas no regime militar — o alargamento da Avenida Aquidabã e sua via expressa, o Centro de Convivência Cultural Carlos Gomes e o Parque Portugal (Lagoa do Taquaral). Durante estes anos, houve uma transformação complexa da paisagem de Campinas, na qual é notável a aceleração substancial da expansão de sua mancha urbana e de seu adensamento, muito associados à migração campo-cidade, à atividade industrial e à intenção de conformação de uma imagem de progresso. Para cada uma destas localidades, foi realizada revisão bibliográfica sobre a história da obra arquitetônica e do bairro. Em seguida, procedeu-se o levantamento cartográfico e sua interpretação, de modo a pensar os processos de transformação do espaço urbano ao redor das obras em questão.*

Palavras-chave: Campinas, Cartografia, Urbanização

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas /Arquitetura e Urbanismo – CNPq.

1. INTRODUÇÃO

A partir da análise de mapas históricos de Campinas e de revisão bibliográfica, a pesquisa analisou o processo de urbanização de três localidades onde hoje se situam intervenções construídas relevantes implementadas no regime militar: o alargamento da Avenida Aquidabã e sua via expressa, o Centro de Convivência Cultural Carlos Gomes e o Parque Portugal. Frente a esse estudo, é possível compreender a transformação complexa da paisagem urbana de Campinas frente à urbanização acelerada dos anos de 1970 e 1980 e suas materializações no ambiente construído. Para este fim, foi desenvolvida uma pesquisa de caráter predominantemente qualitativo, com análise da cartografia histórica e leitura de trabalhos científicos sobre a história das obras arquitetônicas e dos bairros

analisados. Por meio da utilização e comparação de cartografias e fotos aéreas de diferentes períodos, foi possível pensar a transformação urbana de Campinas. A análise das intervenções, a partir dos mapas e da historiografia das regiões, permite entender de forma mais explícita essa evolução do formato urbano.

2. CAMBUÍ E CENTRO DE CONVIVÊNCIA

O Cambuí surgiu como um dos primeiros núcleos de povoamento, entre os séculos XVIII e XIX, no caminho dos colonos rumo ao interior. Inicialmente, a região era ocupada por bandeirantes, negros livres ou fugidos, prostitutas e moradores de cortiços, apresentando forte segregação socioespacial em relação ao centro, onde vivia a elite.

A partir do final do século XIX, o crescimento do capital cafeeiro e açucareiro impulsionou a urbanização do bairro, acompanhada por ideias de modernização e influências arquitetônicas europeias. No século XX, ocorreram obras de saneamento, canalização, pavimentação e ajardinamento, transformando o bairro em uma área planejada associada à modernidade urbana.

A partir de 1950, o Cambuí começou a apresentar uma verticalização mais proeminente, processo que se intensificou nas décadas seguintes. Nos anos 1980, o bairro passou por grande crescimento populacional e forte especulação imobiliária, consolidando as transformações que contribuíram para sua configuração urbana atual.

Para compreender esse processo após os anos 80, é necessário analisar a construção do Centro de Convivência Cultural de Campinas.

O local onde hoje se encontra o Centro de Convivência Cultural (CCC) passou por diferentes funções ao longo da história. Inicialmente, abrigava o Passeio Público de Campinas, construído entre 1876 e 1882, posteriormente denominado Praça Imprensa Fluminense.

A história do CCC está diretamente ligada à demolição do Teatro Carlos Gomes, demolido em 1965, durante a implementação do Plano de Melhoramentos de Prestes Maia, que priorizava a modernização viária de Campinas, provocando a perda de importantes símbolos históricos da cidade.

A demolição do teatro gerou forte indignação popular, levando o prefeito Ruy Novaes a propor inicialmente a construção de um novo equipamento cultural, e assim, foi realizado um concurso para definir o projeto do novo centro cultural na Praça Imprensa Fluminense. O arquiteto Fábio Penteadó venceu o concurso e ficou responsável pelo projeto do CCC, cujas obras começaram em 1968.

Inaugurado em 9 de setembro de 1976, o CCC foi concebido como um espaço cultural integrado ao cotidiano urbano, buscando romper com a ideia tradicional de teatro como espaço elitizado. Ao longo do tempo, o edifício passou a ser reconhecido como um marco arquitetônico de Campinas e da arquitetura moderna paulista, evidenciando como uma intervenção inicialmente controversa se consolidou como elemento importante da paisagem urbana da cidade.

Nas figuras 1, 2 e 3 demonstramos um dos conjuntos comparativos produzidos a partir da cartografia histórica e de fotos aéreas, coletadas na base geoambiental. A análise dos mapas evidencia uma profunda transformação urbana no entorno do Centro de Convivência Cultural. Em 1940, predominavam áreas não loteadas, ocupação horizontal, vegetação e espaços verdes. Após a construção do CCC na década de 1970, o mapa de 1979 demonstra o desaparecimento gradual dos vazios urbanos e o aumento da ocupação, indicando que o equipamento cultural contribuiu para a valorização e atração de novos investimentos para a região.

No mapa mais recente, observa-se a consolidação desse processo, marcada pela ocupação quase total dos lotes e pela forte verticalização do Cambuí. As antigas casas e áreas verdes deram lugar a edifícios residenciais e comerciais, associados à especulação imobiliária e à maior impermeabilização do solo. Assim, a área passou de uma paisagem predominantemente horizontal e arborizada para um espaço urbano densamente construído, mantendo a vegetação principalmente nos espaços planejados do CCC e das novas edificações.



Figura 1 - Campinas, 1940 (recorte Centro de Convivência).

Fonte: Geoambiental

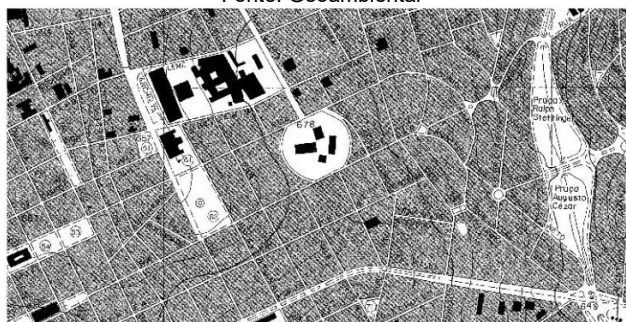


Figura 2 - Campinas, 1979 (recorte Centro de Convivência).

Fonte: Geoambiental



Figura 3 - Campinas, 2023 (recorte Centro de Convivência)

Fonte: Geoambiental

3. BOSQUE E AVENIDA EXPRESSA AQUIDABAN

O Bosque dos Jequitibás teve sua transformação em parque planejado iniciada em 1881, quando seu proprietário encomendou ao arquiteto Ramos de Azevedo um projeto inspirado nos jardins ingleses. A proposta valorizava a integração entre natureza e lazer, com caminhos sinuosos, lagos artificiais e áreas de descanso, seguindo tendências urbanísticas europeias e contribuindo para a modernização e valorização da paisagem urbana.

Ao longo do século XX, o Bosque consolidou-se como um importante espaço ambiental, recreativo e paisagístico da cidade. Diante do avanço da urbanização, tornou-se necessário estabelecer medidas de proteção para preservar sua importância histórica e ambiental. Em 1970, foi tombado pelo

CONDEPHAAT. Posteriormente, em 1993, o CONDEPACC tombou seu entorno, estabelecendo restrições à verticalização com mais de dois pavimentos em menos de um raio de 100 metros.



Figura 4 - Campinas, 1940 (recorte Av. Aquidaban)
Fonte: Geoambiental

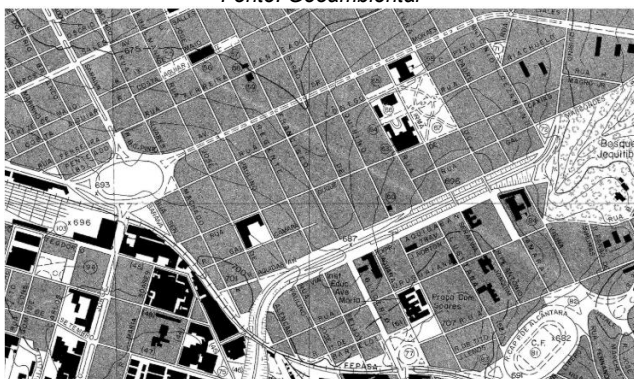


Figura 5 - Campinas, 1979 (recorte Av. Aquidaban)
Fonte: Geoambiental



Figura 6 - Campinas, 2023 (recorte Av. Aquidaban)
Fonte: Geoambiental

O Plano de Desenvolvimento Integrado de Campinas (PPDI), aprovado em 1971, representou um importante marco no planejamento urbano durante a gestão de Orestes Quêrcia e o período da ditadura militar. Financiado pelo SERFHAU, o plano tinha como objetivos oficiais organizar o crescimento físico, econômico e social da cidade, modernizar sua

estrutura urbana, adaptar as vias ao aumento dos automóveis e melhorar a ligação entre o centro, as rodovias e os bairros em expansão. Entretanto, o PPDI também contribuiu para valorizar determinadas áreas para o mercado imobiliário, favorecendo a expansão urbana de acordo com os interesses de loteadores e construtoras.

Nesse contexto, a Avenida Aquidabã passou por uma profunda transformação. Antes estreita e de pouca importância viária, a antiga rua foi incorporada aos projetos de remodelação urbana da década de 1970, tornando-se uma grande avenida com a Via Expressa Waldemar Paschoal. A obra enfrentou conflitos relacionados à possível destruição do Bosque dos Jequitibás e à desapropriação e demolição de numerosos imóveis. Após mobilizações ambientais, a área de mata foi preservada, mas diversas construções foram removidas para permitir o alargamento da via, que foi concluído em 1975.

A intervenção trouxe maior fluxo de veículos e integração entre diferentes regiões da cidade, consolidando a Aquidabã como uma importante ligação entre o Centro, o Cambuí, o Bosque dos Jequitibás e outras áreas estratégicas. Ao mesmo tempo, as obras provocaram a demolição de imóveis e patrimônios históricos, além de contribuir para a transformação e valorização imobiliária de seu entorno. A melhoria da acessibilidade também favoreceu a instalação de estabelecimentos comerciais e, posteriormente, de hotéis, reforçando a importância da avenida na estrutura urbana e econômica de Campinas.

O mapa de 1940 representa o cenário anterior às grandes intervenções, marcado por grandes lotes vazios e pela ferrovia como uma importante barreira física à expansão urbana. A partir de 1979, quatro anos após a inauguração da nova Avenida Aquidabã, observa-se o impacto do alargamento da Via Expressa e da expansão da Avenida Dr. Moraes Salles, acompanhado pelo surgimento de novos lotes, edifícios e atividades comerciais e institucionais no entorno.

No mapa de 2023, esse processo se intensifica, evidenciando a ocupação quase total dos espaços disponíveis e a forte verticalização da região. As construções horizontais são gradualmente substituídas por edifícios.

4. TAQUARAL E O PARQUE PORTUGAL

A origem do Taquaral está ligada à antiga Fazenda de mesmo nome. O nome do bairro deriva das taquaras, vegetação comum nas áreas úmidas da região.

Durante o século XIX, a fazenda destacou-se pela produção de açúcar e, posteriormente, de café. No início do século XX, ainda possuía características rurais e era considerado um arrabalde, com infraestrutura precária, embora já apresentasse pequenos comércios e atividades produtivas.

A transformação da região começou na década de 1930, intensificando-se nos anos 1940, quando as antigas terras da fazenda passaram a ser loteadas para a formação de novos bairros. Surgiram, nesse processo, loteamentos como Jardim Campinas, Jardim Bela Vista, Jardim Dom Bosco, Parque Taquaral e Jardim Nossa Senhora Auxiliadora, marcando a transição do Taquaral de uma área rural para uma região progressivamente urbanizada.

A doação de parte das terras da antiga fazenda à Prefeitura possibilitou a criação do Parque Portugal, posteriormente associado à Lagoa do Taquaral. A implantação desse importante espaço de lazer impulsionou a urbanização do bairro e de seu entorno, implicando na valorização imobiliária da região e para sua consolidação como uma área integrada à expansão urbana de Campinas.

A transformação do Taquaral ganhou força a partir de 1946, quando o cafeicultor Joaquim Bento Alves de Lima doou parte das terras da antiga Fazenda Taquaral à Prefeitura para a criação de um parque público. Posteriormente, outras áreas foram doadas, permitindo que, em 1950, fosse criado oficialmente o Parque Portugal. Apesar disso, durante seus primeiros anos, a área da lagoa permaneceu pouco estruturada e com baixa utilização.

A mudança ocorreu no final da década de 1960, quando a Companhia Imobiliária Campineira financiou obras e o prefeito Orestes Quércia aprovou, em 1969, um projeto de urbanização. O espaço recebeu diversos equipamentos públicos e foi inaugurado em 1972 como Parque Portugal. A intervenção aproveitou uma área até então subutilizada e, ao mesmo tempo, acompanhou a valorização imobiliária e expansão urbana do entorno.

Na década de 1980, os efeitos dessa transformação já eram evidentes. O Taquaral passou a ser reconhecido como um bairro nobre e valorizado, desenvolvendo uma forte centralidade e maior independência em relação ao centro de Campinas. A presença de comércio, serviços, equipamentos culturais, áreas de lazer e infraestrutura urbana consolidou o bairro como uma importante área de moradia, lazer e centralidade.

A análise dos mapas evidencia a transformação do Taquaral de uma área rural e periférica em uma região urbana valorizada. A área ainda estava ligada à Fazenda Taquaral, apresentava ocupação rarefeita e não possuía a atual lagoa. Em 1940, a lagoa já aparece no mapa, mas o entorno permanecia predominantemente agrícola e sem loteamentos.



Figura 7- Campinas, 1940 (recorte Parque Portugal).

Fonte: Geoambiental

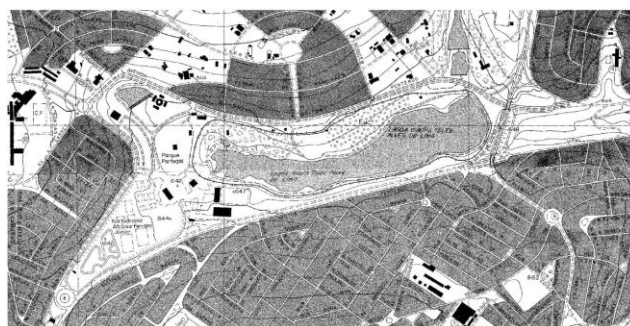


Figura 8 - Campinas, 1979 (recorte Parque Portugal).

Fonte: Geoambiental

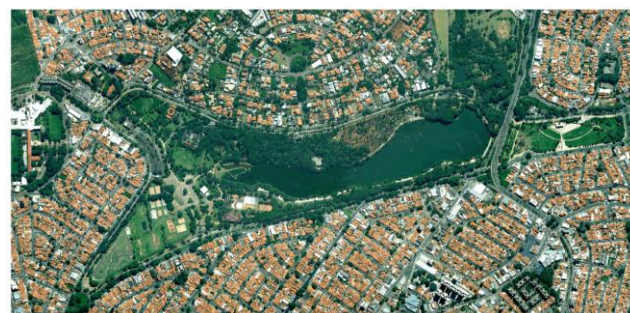


Figura 9 - Campinas, 2023 (recorte Parque Portugal).

Fonte: Geoambiental

A partir da criação e urbanização do Parque Portugal, especialmente entre 1969 e 1972, ocorreu uma rápida transformação da região. O mapa de 1979 mostra a expansão das vias, a criação de novos lotes residenciais e comerciais, a iluminação pública e o surgimento de equipamentos como o Kartódromo e a Concha Acústica. A urbanização e a especulação imobiliária se intensificaram, com novos prédios, serviços, comércios e o Planetário.

Em 2023, o Taquaral consolidou-se como um subcentro urbano de renda média-alta, marcado pela expansão comercial e valorização imobiliária. O crescimento populacional trouxe maior tráfego, novas infraestruturas e equipamentos de lazer, enquanto os espaços vazios foram progressivamente ocupados. Dessa forma, a implantação do Parque Portugal funcionou como elemento impulsionador da urbanização e valorização do entorno, contribuindo para a transformação do antigo espaço rural.

5. CONCLUSÃO

A análise da urbanização de Campinas durante o regime militar, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, evidencia a forte influência das intervenções estatais na transformação da paisagem urbana. A partir de mapas históricos e da revisão bibliográfica foi possível observar mudanças na ocupação do território, na estrutura viária e na criação de espaços de circulação, lazer e convivência.

Os três estudos de caso — Avenida Aquidaban, Centro de Convivência Cultural Carlos Gomes e Parque Portugal (Lagoa do Taquaral) — demonstram diferentes formas de intervenção urbana. A Avenida Aquidabã teve sua estrutura viária transformada para atender aos novos fluxos de circulação e ao mesmo tempo se tornou vetor de demolição e gentrificação. O Centro de Convivência utilizou arquitetura e espaço público para reorganizar urbanisticamente uma área central e foi parte de um processo relevante de verticalização. O Parque Portugal consolidou uma importante área de lazer e preservação, relacionando-se também à intensificação dos investimentos imobiliários em seu entorno.

Assim, a urbanização de Campinas não resultou apenas do crescimento populacional e da expansão física da cidade, mas também de decisões políticas e projetos estatais que alteraram diretamente sua organização territorial. As intervenções realizadas no período deixaram efeitos duradouros na estrutura urbana, demonstrando que a paisagem atual de Campinas é resultado da sobreposição histórica de diferentes projetos, interesses e formas de ocupação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pela oportunidade de participar da bolsa PIBIC-EM, pelo desenvolvimento do projeto; agradeço à minha orientadora Paula Gorenstein Dedecca, a qual me auxiliou no ordenamento do trabalho e seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- [1] AGUIRRE JUNIOR, José Hamilton de. **Arborização viária como patrimônio municipal de Campinas/SP**: histórico, situação atual e potencialidades no Bairro Cambuí. 2008. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2008.
- [2] BADARÓ, Roberto. **Campinas, o despontar da modernidade**. Campinas: Centro de Memória Unicamp, 1996.
- [3] NASCIMENTO, Ederson. Região Metropolitana de Campinas (SP): cinco décadas de expansão urbana. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 67-91, 2016.
- [4] RODRIGUES, Fabíola. **A invenção da cidade**: população e planejamento urbano, imaginação e poder na formação urbana de Campinas (1930-2006). 2008. Tese (Doutorado em Demografia) – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- [5] ROXO, Rafael. A formação urbana de Campinas (SP): de pouso à margem do caminho do ouro a lugar mundial. **Geosul**, Florianópolis, v. 35, n. 74, p. 38-63, jan./abr. 2020.
- [6] SANTOS, Antonio da Costa. **Campinas, das origens ao futuro**: compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora das Campinas do Mato Grosso de Jundiá (1732-1992). Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- [7] TREVISAN, Ricardo. Centro de Convivência de Campinas: um olhar sobre a arquitetura de Fábio Pentead. **Risco** (Online), n. 12, p. 33-49, 2010.
- [8] XAVIER, Milton Cesar. **A formação do Bairro Taquaral em Campinas (SP) e sua consolidação como subcentro**. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.